

# UM MESMO ESPAÇO, UM MESMO PERSONAGEM, TRÊS DISCURSOS DISTINTOS: a memória de Lampião no médio Pajeú e o ensino de história local

José Ferreira Júnior<sup>1</sup>  
Janaína Freire dos Santos<sup>2</sup>

Artigo recebido em: 06/09/2021.

Artigo aceito em: 09/03/2022.

## RESUMO

Neste artigo, onde se empreende abordagem qualitativa, discutem-se os discursos construídos e emitidos relacionados à memória lampiônica, na região do Médio Pajeú, nas cidades de Serra Talhada, Triunfo e na Vila de Nazaré do Pico, espacialidades sertanejas pernambucanas. São mostradas as intencionalidades presentes nas ações dos produtores culturais dos espaços citados, quando se reportam à memória lampiônica. Também é trazida à luz a prática pedagógica desenvolvida em salas de aula, quando do ensino de história local, relacionada à memória citada. Lançou-se mão de bibliografia relacionada à temática memória lampiônica, bem como elementos resultantes de pesquisas realizadas e em andamento.

**Palavras- chave:** Memória Lampiônica; Serra Talhada; Triunfo; Vila de Nazaré do Pico; Discursos.

## ONE SAME SPACE, ONE SAME CHARACTER, THREE DISTINCT SPEECHES:

Lampião's memory in the medium Pajeú and the teaching of local history

---

<sup>1</sup> Licenciado em História, Especialista e Mestre em Ensino de História, Doutorando em História Social; Mestre e Doutor em Ciências Sociais, Pós-Doutorando em Ciências Sociais; professor da Faculdade de Formação de Professores de Serra Talhada – FAFOPST. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3587556735419259>; Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8352-8828>. E-mail: <Professorferreirajunior@hotmail.com>. Pertence ao Grupo de Pesquisa em Sociabilidades e Conflitos Contemporâneos – SOCIATOS (UFCG). Pesquisa memória lampiônica e o seu uso por produtores culturais na região do Pajeú, no Sertão de Pernambuco. Coordena o curso de Licenciatura em História da Faculdade de Professores de Serra Talhada – FAFOPST.

<sup>2</sup> Licenciada em História, Especialista em História e Sociologia, Mestre e Doutora em Ciências Sociais. Professora de História da Faculdade de Formação de Professores de Serra Talhada – FAFOPST. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/9450632847665711>. E-mail: [janainasantos1983@hotmail.com](mailto:janainasantos1983@hotmail.com). Pertence ao Grupo de Pesquisa PRAXIS - Estado, Governo e Luta de Classes na América Latina (UFCG). Pesquisa Desenvolvimentismo na América Latina e Suas Repercussões Sobre os Atores Sociais.

## ABSTRACT

In this article, where a qualitative approach is taken, the constructed and emitted speeches related to the lampionic memory are discussed, in the region of Médio Pajeú, in the cities of Serra Talhada, Triunfo and in Vila de Nazaré do Pico, rural spaces in Pernambuco. The intentions present in the actions of the cultural producers of the mentioned spaces are shown, when they refer to the lampiônica memory. It is also brought to light the pedagogical practice developed in classrooms, when teaching local history, related to the mentioned memory. A bibliography related to the theme of lampion memory was used, as well as elements resulting from research carried out and in progress.

**Keywords:** Lampionic Memory; Serra Talhada; Triunfo; Vila de Nazaré do Pico; Speeches.

## Introdução

O cangaço, movimento rural ocorrido nos sertões nordestinos, em temporalidade que se estende de finais do século XIX até próximo do término da primeira década do século XX (QUEIRÓS, 1977), não é possuidor apenas de uma só vertente lideracional. Houve vários chefes de cangaceiros, porém o que mais celebrizado é, sem sombra de dúvidas, é a chefia lampiônica<sup>3</sup>. Ou seja, o cangaço lampiônico se destaca dos demais, sendo a multiformidade de narrativas sobre ele (LINS, 1997) um elemento que corrobora o que aqui se afirma.

Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, esteve chefiando cangaceiros entre 1922, quando assume o lugar de Sinhô Pereira na chefia do bando, e 1938, quando, juntamente com sua companheira, Maria Gomes de Oliveira, e mais nove outros cangaceiros, dentre eles, uma mulher, são mortos e decapitados, em uma gruta da fazenda Angico, no município de Poço Redondo, no estado de Sergipe.

---

<sup>3</sup> Jesuíno Alves de Melo Calado, o Jesuíno Brilhante, é tido como o chefe do primeiro bando de cangaceiros, atuando na divisa dos estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba, em 1870. Todavia, há historiadores que mergulham mais profundo no passado e dizem ter sido pioneiro no cangaceirismo, Lucas Evangelista, o Lucas da Feira, nos arredores da cidade de Feira de Santana, na Bahia, por volta de 1828. Tem-se, no Médio Pajeú, o cangaceirismo de Sinhô Pereira inícios do século XX. O último bando de cangaceiros foi o chefiado por Cristino Gomes da Silva Cleto, o Corisco, morto em 25 de maio de 1940.

Durante cerca de dezesseis anos, Lampião transitou pelos espaços de ao menos sete estados nordestinos, alternando práticas que o faziam temido, odiado e querido. Ou seja, mediante o espalhar do terror – efetivado em assassinatos com requinte de crueldade, sequestros, ameaças, extorsões – ocupava o lugar de temido e odiado; mediante ações de caridade e praticismo religioso, gozava de admiração (CHIAVENATO, 1990; SOUZA, 1984). Essas duas situações tinham como vivenciadores os habitantes das caatingas sertanejas nordestinas.

Todavia, o cangaço comandado por Lampião, o mais celebrizado dos cangaceiros, tem sua origem na região do Médio Pajeú pernambucano. Nessa região, três espaços existem que em relação à memória lampiônica são possuidores de discursos diferenciados: Serra Talhada, Triunfo e Nazaré do Pico<sup>4</sup>. Tais discursos produzidos por produtores culturais desses espaços não ocorrem sem que exista uma finalidade a que se prestem, que somente quando examinados e atrelados à espacialidade onde são construídos, podem vir a serem interpretados corretamente.

Diante dessa constatação, um perguntar se coloca: como deve existir o ensino de história em tal circunstância? Sabendo-se que o discurso sobre um determinado espaço é possibilitador da construção de uma consciência histórica e, como desdobramento, uma identidade, como deve agir o professor de história, quando do ensino de história relacionado às espacialidades em discussão?

Este texto não tem a pretensão de absolutizar respostas às questões propostas, visto que estatuto de verdade não pertence ao fazer historiográfico (REIS, 2010). Mas, a partir de pesquisas realizadas e em curso<sup>5</sup>, objetiva-se trazer elementos que possam lançar luz à discussão, visto que é no chão de sala de aula que se pode estabelecer continuidade do saber instituído, que se propõe a ocultar ou querer que algo ou alguém seja visto (CHAUI, 1981), ou, em rota de colisão com esse tipo de

---

<sup>4</sup> As duas primeiras são cidades. A terceira, por sua vez, trata-se de um distrito pertencente ao município de Floresta, cidade sertaneja pernambucana.

<sup>5</sup> Informações derivadas das minhas pesquisas de mestrado e doutorado em Ciências Sociais, ocorridas entre 2008 e 2014 (UFCG); do mestrado em Ensino de História, ocorrido entre 2019 e 2021 (URCA); atualmente em pesquisa de Pós- Doutorado em Ciências Sociais, iniciado em 2020, pela UFCG.

saber, promover ruptura, mediante a construção de outro saber (NETO, 2001), promovendo, dessa forma o ensino correto (FREIRE, 1977).

Assim, mediante experiências vividas no cotidiano de sala de aula na prática de ensino de história, tanto na Educação Básica quanto na Educação Superior, bem como lançando mão de elementos de pesquisas realizadas e em curso, somando a informes de literatura existente sobre as espacialidades citadas, pretendemos estabelecer discussão, que se encontra organizada da seguinte forma: Em primeiro plano, são trazidos os discursos relacionados à memória de Lampião em Serra Talhada, Triunfo e Nazaré do Pico. Em seguida, a partir de nossa experiência como professor de história da Educação Básica, em escola da rede estadual pernambucana, mostramos como desenvolvemos a temática aqui discutida.

### **Os discursos sobre Lampião em Serra Talhada, Triunfo e Nazaré do Pico**

Embora partícipes do mesmo espaço, o Médio Pajeú, as cidades de Serra Talhada, Triunfo e a Vila de Nazaré do Pico são possuidoras, entretanto, de discursos diferentes relacionados à memória lampiônica. Tais discursos são possuidores de historicidade, não se nega, porém trazem em si mesmos elementos outros, que quando examinados revelam existir intencionalidades, ou seja, mostram que há prévios interesses que antecedem a sua exteriorização. Desse modo, à memória de Lampião são atribuídos significados diferenciados, ou seja, numa proposta saussuriana, essa memória se mostra significativa a que são atribuídos significados (SAUSSURE, 2006). Vejamos, adiante.

### **Uma tradição para Lampião em Serra Talhada, seu lugar.**

Serra Talhada, localizada no médio curso do rio Pajeú, dista da capital pernambucana, Recife, pouco mais de quatrocentos quilômetros e situa-se às margens da BR – 232. É conhecida nacional e internacionalmente como Capital do Xaxado e, principalmente como o lugar de nascimento de Virgulino Ferreira da Silva, vaqueiro, artesão e almocreve, que se tornou cangaceiro e, com o apelido de Lampião, celebrizou-se mundialmente, permanecendo na prática do cangaço por quase vinte

anos, promovendo terror e benesses aos sertanejos, tanto de Pernambuco quanto de outros estados nordestinos.

Mesmo que na opinião de Chiavenato (1990) a prática do “bem”, por parte de Lampião, decorresse de um pragmatismo do chamado “Rei do Cangaço”, uma vez que carecia de gente aliada que, dentre outras coisas, mantivessem-no informado acerca das movimentações das volantes, que lhe comprasse alimentos e funcionasse como “correio”, ainda assim, não poucos são os testemunhos acerca do “lado bom” do cangaceiro, seja proveniente de quem com ele viveu a prática do cangaço – a cangaceira Sila, companheira do cangaceiro Zé Sereno, que afirma ser Lampião um “homem de bom coração” (SOUZA, 1984) – ou de quem ouviu de outrem tal discurso e o reproduz, perfazendo a vivência do acontecimento por tabela (POLLAK, 1992).

Assim, distribuindo dinheiro aos pobres (geralmente moedas), presenteando e prestando favores a amigos, funcionando como juiz e arbitrando questões e, principalmente “promovendo justiça” em casos de agravo à família sertaneja, parecia entender o cangaceiro que dominação não se implanta somente mediante a força, mas também com consenso. Fato é que, somente com o uso da força, provavelmente Lampião não teria a longevidade que teve nas fileiras cangaceiras.

Em Serra Talhada, em meados da década de 1980 passou a existir movimentação buscando glorificar e explorar a memória lampiônica. De autoria de um produtor cultural local, Anildomá Willans de Souza (Domá), em 1984, foi apresentada a peça teatral “A chegada de Lampião no inferno”. Segundo o autor da peça citada, “foi o primeiro trabalho sobre Lampião [...] vamos resgatar a imagem de Lampião, em Serra Talhada” (FERREIRA JÚNIOR, 2021, p. 72).

Deve-se registrar que o movimento direcionado à memória lampiônica em Serra Talhada, citado anteriormente, não foi decorrente do espontaneísmo de produtores culturais, mas em resistência à ação de produtores culturais da cidade de Triunfo, afastada 37 quilômetros, que empreenderam vanguardismo de louvação à pessoa de Lampião.

A justificativa para a contraposição feita à ação dos produtores culturais triunfenses relacionados à memória lampiônica residia no fato de ser o cangaceiro serratalhadense e, por conseguinte, “produto” que deveria ser explorado por Serra Talhada, não por Triunfo. Isso é dito baseado na declaração de Tarcísio Rodrigues, hoje ex-presidente da Casa da Cultura de Serra Talhada: “O mundo inteiro, o Brasil, sabe que a terra de Lampião é Serra Talhada” (FERREIRA JÚNIOR, 2021, p. 72).

Percebe-se o lançar mão de uma identificação com Lampião, ou seja, um apropriar-se de um discurso que afirmava ser exclusividade serratalhadense o usufruto do uso da memória lampiônica. Verifica-se o lançar mão de uma identidade legitimadora (CASTELLS, 1996) de ações relacionadas a Lampião.

A partir da peça teatral citada acima, passa a existir, mediante a ação de grupos específicos, o início da construção de uma nova concepção sobre os valores do cangaço e sobre a personalidade de Lampião na cidade. Passa-se a dar à figura de Lampião valorização, fato que coloca sua memória em contraposição ao discurso que, até então, prevalecera acerca dela, em Serra Talhada: a de bandido sanguinário (FERREIRA JÚNIOR, 2021). Cronologicamente considerando, a peça citada pelo produtor cultural se revela como sendo o que Reis (2006) chama de ponto axial, ou seja, o pontapé inicial da invenção de uma tradição (HOBSBAWM; RANGEL, 2004), à qual chamo “tradição lampiônica” (FERREIRA JÚNIOR, 2021).

Esse agir de produtores culturais serratalhadenses pode ser considerado o que Hall (2006) chama deslocamento de imagem, visto que, ao discurso desqualificador da memória lampiônica, que o mostrava como bandido sanguinário, contrapõe-se o que passa a afirmar ser Lampião “história” e, por conseguinte, à semelhança de outros fora da lei notórios da história (Billy The Kid, por exemplo), poderia ter sua memória explorada e promover visibilidade à cidade. Tal ação pode ser considerada uma transgressão da lei do lugar, decorrente das transformações espaciais mediatizadas pela memória (CERTEAU, 2011).

Diversas ações foram protagonizadas por produtores culturais serratalhadenses no intuito de a Lampião promover uma nova imagem e, através da

qual, a cidade pudesse vivenciar visibilidade e gozar atratividade turística (FERREIRA JÚNIOR, 2021). Nessa construção imagética inexistia qualquer preocupação com a veracidade que se afirmava a respeito do cangaceiro, “importava a Lampião atribuir predicativos e levar as pessoas a acreditar neles” (FERREIRA JÚNIOR, 2021, p. 91). Era, como se verifica no trabalho de um artífice, o construir gradativo de uma imagem, como explica Schwartzberg (1978, p. 14): “a realidade pouco importa em si mesma. O importante é que acreditem nela e a aceitem. Ainda que seja uma imagem inteiramente inventada, embelezada ou retocada.”

### **Triunfo: Lampião é elemento agregador de valor turístico**

Se em Serra Talhada a memória lampiônica é mercadoria oferecida aos de fora, no espaço triunfense essa memória não é usada para esse fim, visto que a cidade, contemplada por benesses naturais – clima, relevo, vegetação – é a própria mercadoria oferecida a quem a ela se destina<sup>6</sup>.

Diante dessa realidade, a memória lampiônica é, em Triunfo, o algo a mais que é oferecido ao turista, ou seja, à cidade com seu clima serrano é adendada, como uma espécie de elemento agregador de valor ao produto oferecido, a memória lampiônica, assim, Lampião em Triunfo, “de maneira simbólica, promove valorização aos serviços oferecidos aos de fora, agregando valor ao que já existe, viabilizando um salto de qualidade em uma ou mais características do produto ou serviço, que de fato são relevantes para a escolha do consumidor” (FERREIRA JÚNIOR, 2018, p. 101).

Assim, ao turista chega o usufruto de uma espécie de capital simbólico (BOURDIEU, 2010), ou seja, ele pode se vangloriar de ter estado, por exemplo, no quarto em que Lampião dormiu, quando das diversas vezes que frequentou a Casa Grande das Almas, como é dito pelos guias que o conduz ao local citado<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Triunfo tem a seu favor a altitude de 1010 metros, que a faz destoar da paisagem sertaneja semiárida. Assim, mesmo praticamente na mesma latitude de Serra Talhada (440 metros de altitude), o espaço triunfense se diferencia, no referente à temperatura, das demais espacialidades que a cercam.

<sup>7</sup> Casarão construído exatamente na divisa dos estados de Pernambuco e Paraíba. Parte da casa está em Pernambuco e parte, na Paraíba.



Fig. 1: Casa Grande das Almas – Triunfo - PE



Fonte: Cariri Cangaço.

Sobre o imóvel acima, diz Ferreira Júnior e Santos (2018, p. 102):

O acesso à Casa Grande das Almas é gratuito. Tal fato, somado à beleza do casarão; à mobília, louça e prataria do interior do imóvel e, principalmente, à mística que a memória lampiônica reflete sobre o local, revela-se como elemento instigador à visita dos que chegam à cidade e, também, como estímulo a um novo retorno ao local. (FERREIRA; SANTOS, 2018, p.102)

Além da Casa Grande das Almas, o espaço urbano triunfense também comporta outro lugar de memória alusivo a Lampião: o Museu do Cangaço da Cidade de Triunfo. Este espaço foi criado em 1975 e é tido como o mais antigo museu do cangaço no Brasil. Todavia, em contraposição à gratuidade de acesso existente na Casa Grande das Almas, o acesso às dependências do Museu do Cangaço da Cidade de Triunfo é pago.



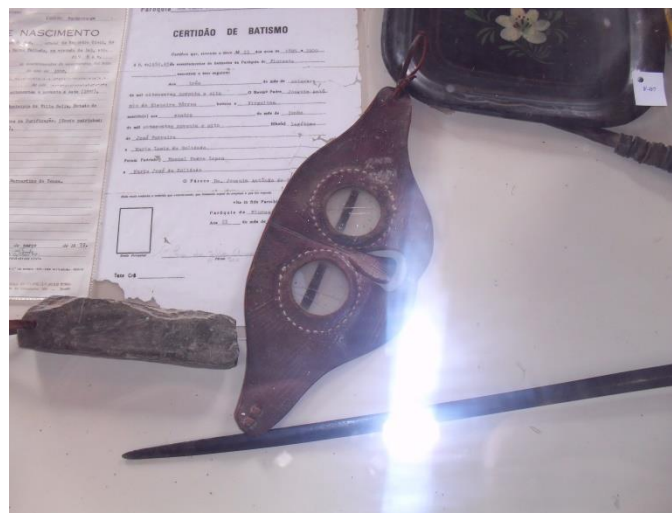
Fig. 2: Museu do Cangaço e Cidade de Triunfo – PE.



Fonte: José Ferreira Júnior.

As peças relacionadas ao cangaço lampiônico mostradas no museu acima são em pequena quantidade e algumas promovem certa dúvida, no referente a estarem, de fato atreladas à temporalidade que portam consigo registrada. Por exemplo, pode-se tomar uma máscara ocular que se afirma ter sido confeccionada e utilizada por Lampião. Veja-se, abaixo:

Fig. 3: Objetos pessoais de Lampião



Fonte: José Ferreira Júnior

Que Lampião era hábil no artesanato com couro é fato atestado por contemporâneos seus. Que ele era capaz de idealizar e materializar o objeto acima, não há dúvidas. Porém, nenhum registro fotográfico existe onde lampião apareça usando a peça acima. Ademais, óculos eram objetos de fácil acesso à época e, além disso, o poder aquisitivo de Lampião lhe promovia adquiri-los. Assim, no mínimo se revela duvidosa a autoria lampiônica da máscara acima para uso próprio, como registrado se encontra.

Ainda no espaço urbano triunfense se verifica uma quantidade significativa de pequenas lojas de venda de produtos artesanais. Deve-se atentar ao fato que o fabrico artesanal oferecido em tais lojas tem como mote a tradição triunfense dos caretas, elemento promotor de identidade à cidade, porém, em tais espaços não se verifica esquecimento da memória lampiônica, uma vez que, justaposta à venda de artesanato alusivo aos caretas<sup>8</sup> está o de alusão à Lampião conforme se verifica na figura abaixo:

Fig. 4: Artesanato de caretas e Lampião em loja triunfense



Fonte: Fátima Artesanato

---

<sup>8</sup> Os caretas são figuras satíricas que transformam o carnaval de Triunfo em um dos mais irreverentes do Estado. Segundo alguns estudiosos, a origem da festividade não faz parte do período carnavalesco, mas do Natal, quando dois Mateus de um reisado, em 1917, embriagaram-se durante a apresentação e foram proibidos de participar da manifestação. Inconformados, eles vagaram fantasiados pelo município, fazendo barulho com um chocalho e inaugurando a brincadeira. (NORDESTE.COM).

Esta justaposição entre caretas e Lampião ainda que sirva a um fim determinado – gerar receita – não é ação que se exime de críticas entre os cidadãos triunfenses. Na opinião de Cláudio Henrique Inácio Viana<sup>9</sup>, estudante e comerciante triunfense, o discurso que afirma ter sido Lampião um turista especial, fato que justifica, segundo produtores culturais locais, a materialização de sua memória em artefatos artesanais, não encontra respaldo para a sua sustentação, visto que, segundo o comerciante:

Não concordo, pois pra mim lampião não era turista, ele nunca vinha aqui para passeios ou visitas, na verdade, ele como excelente estrategista tinha Triunfo como rota de fuga entre os Estados de PE/PB. Acredito que por esse motivo ele não provocava conflitos entre a população local ou os policiais. (FERREIRA JÚNIOR, 2021, p. 148)

A declaração do comerciante anda em rota de colisão daquela que é proveniente de outros cidadãos triunfenses e corrobora o que diz Clemente (2003), ao lembrar que até 1926 não era permitido a violabilidade policial de divisas de Estados, o que impedia a uma volante policial atuar em espaço que não fosse o da sua jurisdição. Assim, percebe-se que Lampião agia pragmaticamente em relação ao espaço triunfense, uma vez que lhe seria benéfico a localização da cidade em linha limítrofe dos estados pernambucano e paraibano.

Por sua vez, o espaço rural triunfense também é possuidor de lugar que se atrela à memória lampiônica, a chamada Cachoeira do Grito, que tem essa nomenclatura porque é possível se ouvir, distante, o “grito” que a queda d’água provoca ao bater nas rochas. Este lugar aprazível e propício à prática de banho é dito ter sido utilizado por Lampião e seus liderados para banho e nado, quando de sua estada em solo triunfense.

Para os de fora, a Cachoeira do Grito possui valoração que vai além de seus atributos naturais, visto que é perpassada por uma áurea mística, pelo fato de ter servido a lampião e a seu bando de lugar de lazer. Isto se mostra claramente na

---

<sup>9</sup> O informante foi aleatoriamente escolhido entre outros que, a sua semelhança, discordam do uso da memória lampiônica como elemento agregador de valor ao turismo triunfense.

declaração de um dos muitos turistas que acessam o local, como Antônio Luís Neto, proveniente de São Paulo, quando diz:

É fantástico, mano! O lugar é lindo e a água é fria e limpa. Além disso, poderei dizer aos meus amigos que nadei onde nadou o Rei do Cangaço! Não é demais?! Vou recomendar o lugar aos meus amigos. Vou matá-los de inveja! (FERREIRA JÚNIOR, 2021, p. 152).

Verifica-se na fala do turista, além o impacto causado pela beleza do lugar, o entendimento de que consigo porta um diferencial, em relação aos seus conterrâneos paulistas: o fato de ter se banhado em cachoeira onde se banhou o Rei do Cangaço. Assim, quando se reporta como mostrado acima, pode-se afirmar que o turista citado é, agora, possuidor de um capital simbólico (BOURDIEU, 2010).

### **Nazaré do Pico: a invenção da tradição da volante nazarena<sup>10</sup>**

Em relação a Serra Talhada e a Triunfo, sobre a discussão da memória do cangaço lampiônico, Nazaré experimenta atraso na corrida. Somente a partir de 2019, passou a existir na vila um movimento organizado buscando dar visibilidade aos combatentes de Lampião, os membros da volante nazarena.

A visibilidade aos vultos históricos nazarenos tem experimentado ocorrência a partir de eventos específicos realizados, como, por exemplo, a “Missa de Mané Neto”, cuja primeira edição ocorreu no dia 16 de novembro de 2019, quando se comemorou quarenta anos de morte de Manoel de Souza Neto, coronel da Polícia Militar de Pernambuco e comandante de volante nazarena perseguidora de Lampião. Acerca de Manoel Neto e de sua valentia, que é apresentada como sendo um capital simbólico (BOURDIEU, 2010), é dito:

No último sábado, 16 de novembro de 2019 a família Nazarena se reuniu mais uma vez para celebrar um de seus mais ilustres filhos: Coronel Manoel de Sousa Neto, o “Valente Mané Neto”; que nasceu no dia 01 de novembro de 1901, na fazenda Ema no mesmo município de Floresta. Desde cedo Manoel Neto demonstrou ser destemido, valente e de uma coragem que beirava a loucura, foi um dos nazarenos que mais se destacou no combate ao banditismo, notadamente ao cangaço, tendo sua entrada

---

<sup>10</sup> Volantes eram grupos de soldados comandados por alguém de patente superior que se movia na caatinga em perseguição a Lampião e seus cangaceiros. Volantes nazarenas foram as que se formaram com pessoas habitantes da vila de Nazaré ou de suas cercanias.

nas forças volantes em janeiro de 1925, a partir dali o nordeste conheceu um dos mais ferrenhos combatentes ao bando de Lampião, sendo alcunhado pelo chefe dos cangaceiros de "Cachorro Azedo".<sup>11</sup>

A valentia do nazareno Manoel Neto é tema presente em narrativas de diversos autores da historiografia do cangaço, dentre esses, João Gomes de Lira, ex-soldado de volante, que em sua obra *Lampião: Memórias de um Soldado de Volante* (2007) registra ter Manoel Neto arregimentado adolescentes e, com eles, formado uma volante para perseguir Lampião. De acordo com Ferreira Júnior e Santos (2020, p. 795), “em decorrência da pouca idade dos membros dessa volante, segundo o autor citado, ela era pejorativamente chamada, por Lampião, de “os cachorrinhos de Mané Fumaça”, outro apelido de Manoel Neto, dado por Lampião”.

Há a probabilidade de que esse evento religioso venha a se tornar uma tradição inventada, nos moldes definidos por Hobsbawm e Ranger (2004), que afirmam que a repetição, o ritual e a simbologia lhes são elementos intrínsecos, visto que, através da primeira, as duas últimas intencionam introjetar nas pessoas “certos valores e normas de comportamento, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado” (HOBSBAWM; RANGER, 2004, p. 9).

Na ocasião da celebração da missa em homenagem ao famoso volante nazareno, Manoel Neto, outro acontecimento ocorreu possuidor de significativa importância no referente à exaltação da memória das volantes nazarenas: “lançou-se oficialmente a pedra fundamental e a Ordem de Serviço do Museu dos Combatentes do Banditismo Lampiônico em Nazaré do Pico” (FERREIRA JÚNIOR; SANTOS, 2020, p. 795).

Nesse evento estiveram presente, além de familiares dos membros das volantes nazarenas, autoridades municipais (vereadores) e o Secretário de Turismo de Pernambuco, Rodrigo Novaes, cuja ascendência é também nazarena. Acerca da justaposição dos eventos ocorridos, a vereadora florestana Bia Numeriano, presente na ocasião, discursou, sendo registrado por Ferreira Júnior e Santos (2020, p. 796):

---

<sup>11</sup> <http://cariricangaco.blogspot.com/2019/11/nazare-e-festa-de-40-anos-de-partida-de.html>.

Nazaré do Pico é lugar onde a história pulsa. **História de coragem, valentia e resistência.** Foi deste lugar que saiu a força volante que Lampião mais temia. Uma figura importante foi responsável por esse temor: Manoel de Souza Neto. Coronel da Polícia Militar de Pernambuco, combatente feroz, fez parte das forças volantes nazarenas e é considerado um dos maiores perseguidores de Lampião. Hoje, celebrou-se missa pelos 40 anos de sua partida. Além disso, foi dada ordem de serviço para a construção do **Museu das Forças Volantes de Nazaré, um marco para esta história que tanto nos orgulha.** (Grifos nossos).

Ao discursar, a vereadora Bia Numeriano promove exaltação à memória dos nazarenos que estiveram em perseguição a Lampião, quando da existência das volantes nazarenas, que de maneira recorrente são tidas como indômitas na historiografia relativa ao cangaço lampiônico (ALBUQUERQUE, 2016). Ou seja, o discurso da vereadora é glorificador de uma memória que, segundo as palavras de sua autora, faze-a destacada das dos membros de volantes de outros espaços e tem na coragem, na valentia e na resistência seu capital simbólico (BOURDIEU, 2010).

A coragem e a valentia talvez não ressoem tanto quanto a resistência, enquanto sinônimo de ser membro de volante nazarena. Isto se explica, quando se observa ter sido prática corriqueira o experimento da corrupção por parte de comandantes e soldados de volantes, quando da perseguição feita a Lampião (ALBUQUERQUE, 2016). Os nazarenos se jactam de não terem cedido às propostas de suborno e nem de acomodação promovidas por Lampião.

Referindo-se ao Museu das forças Volantes de Nazaré, ainda que não pronuncie discursivamente, a vereadora deixa transparecer satisfação em sabê-lo contraposto institucional e discursivamente, enquanto lugar de memória, aos museus do cangaço, localizados em Serra Talhada e em Triunfo, ambas, como Nazaré, localizadas na Região do Médio Pajeú. Esta afirmação se faz baseado no fato de que “o museu é a sede cerimonial do patrimônio, o lugar em que é guardado e celebrado, onde se reproduz o regime semiótico com que os grupos hegemônicos o organizaram” (CANCLINI, 2011, p. 169).

No Museu das Forças Volantes Nazarenas serão mostradas peças que pertenceram a membros das Volantes Nazarenas – armas, fardamentos, utensílios e coisas de uso particular – que serão providas de doações feitas por descendentes



daqueles sujeitos históricos. Tratar-se-á de um lugar de memória, que segundo Nora (1993), nasce e vive do sentimento de que não há memória espontânea. Assim, dispositivo memorialístico que pretende ser, “o museu será a representação que os nazarenos fazem de si mesmos, a materialização identitária de um grupo” (FERREIRA, JÚNIOR; SANTOS, 2020, p. 796).

### **O ensino de história local e as controvérsias discursivas sobre a memória lampiônica**

Conhecer a história do lugar em que se vive, além de necessário ao habitante desse lugar, porquanto lhe promoverá esquivar-se do oficialmente dito, que geralmente se assenta numa perspectiva localista e elitista, revela-se um novo campo para onde se expande o conhecimento histórico: a História Local.

Quando falamos em História Local não nos reportamos àquela que durante tempo significativo perdurou, celebrizando feitos de figuras políticas, heroizando ações, como desbravamentos, conquistas, pioneirismos, trazendo à luz mitos fundantes. Que se revela descolada do que lhe é exterior, fazendo existir uma história-ilha, como se o lugar existisse à parte e, por si só, subsistisse. A isto se propõe a perspectiva historiográfica positivista.

A História Local a que nos referimos abarca a totalidade, não no sentido de dar conta do todo, mas no referente a considerar o todo em sua multiplicidade e, por conseguinte, suas contradições e mediações, buscando se debruçar sobre o objeto investigado e “apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e de perquirir a conexão que há entre elas” (MARX, 1968, p. 16).

Diante disso, quando falamos sobre História Local necessário se faz esclarecer que, embora ao lugar seja dada centralidade analítica, este não mantém relação exclusiva com o local onde ocorre a operação historiográfica, ou seja, não há, segundo Barros (2013, p. 171), qualquer impedimento que “esta História Local seja



também ela uma História Cultural, uma História Política, uma História Econômica, ou inúmeras outras modalidades”.

É a partir desse entendimento acerca de história local que nos orientamos, quando ministramos em turmas da Educação Básica, mais especificamente as do Ensino Médio, aulas sobre História Local, na prática do Ensino de História, em escola da rede estadual localizada em Serra Talhada, um dos três *loci* considerados na discussão abordada neste texto e local onde residimos.

O elemento principiador presentes nas aulas de história local referente à memória de Lampião deve ser o entendimento que os discursos que existem sobre o cangaceiro nos três espaços citados – Serra Talhada, Triunfo e Nazaré do Pico – são invenções e, por conseguinte têm em homens e mulheres de carne e osso suas origens e, assim sendo, estão perpassados por intenções, ou seja, visam a um fim previamente determinado, porquanto expressam uma ação social racional com relação a fins (WEBER, 2010).

A finalidade dos autores desses discursos sobre a memória de Lampião nos espaços citados, a quem chamamos produtores culturais, é usar e também abusar (TODOROV, 1995) da memória lampiônica, ou seja, trata-se da inexistência de preocupação com a historicidade dos fatos, passando a existir discursos eivados de ausência de sustentação histórica, visto que a preocupação, em grande parte das ações dos chamados produtores culturais está em fazer crer o que se discursa, não havendo preocupação com a verdade do que se discursa (SCHWARTZENBERG, 1978).

Mostra-se haver um discurso recorrente, proveniente desses produtores culturais, afirmando haver uma preocupação com a cultura local, com a continuidade dela, enfim, esses sujeitos históricos assentam seus agires e falas em uma suposta preocupação em não deixar que a cultura local experimente morte.

A explicação relacionada à maneira por que as ações dos produtores culturais no referente à memória lampiônica se dá divorciada de cuidados investigativos, como ocorre em Serra Talhada e em Triunfo, assenta-se no fato de que, em ambos os

espaços a memória lampiônica é mercadorizada, seja de maneira direta ou indireta. Ou seja, em Serra Talhada lampião é a mercadoria que é oferecida, seja em eventos, seja em literatura, seja em *souvenirs* àqueles que acessam turisticamente o espaço serratalhadense; em Triunfo, Lampião, ao contrário do que ocorre em Serra Talhada, recebe um destaque economicamente secundário, visto que, o que se vende em Triunfo, turisticamente falando, é a própria cidade, com seus atrativos naturais e artificiais e, dessa forma, “a memória lampiônica é utilizada como reforço, como um serviço a mais, oferecido ao turista, como um elemento promotor de agregação de valor à mercadoria principal, que é a própria cidade” (FERREIRA JÚNIOR; SANTOS, 2018, p. 104).

Concernente ao recém iniciado movimento relacionado à valorização das memórias das volantes nazarenas, na vila de Nazaré do Pico, procura-se mostrar como, mesmo estando sob luzes a memória volante nazarena, esta somente vem à baila porque explora de maneira negativa a memória de Lampião, ou seja, a desqualificação da memória de Lampião é o alicerce para que exista a glorificação da memória das volantes nazarenas. Tal realidade aponta para o fato de que uma identidade somente se constrói e permanece se houver outra que lhe seja antípoda, contrária (CASTELS, 2008).

Por fim, promove-se discussão buscando instigar os discentes a se manifestarem sobre a razão / as razões de haver essa discursália diversificada sobre Lampião em um mesmo espaço, a região do Médio Pajeú. Somado a isso, em forma de questionamento, promove-se a instigação: Não seria Lampião o fio condutor turístico para a região do Médio Pajeú? Não seria a memória lampiônica o elemento viabilizador de visibilidade aos espaços serratalhadense, triunfense e nazareno? Não haveria somente diferenciação no uso da memória lampiônica, sendo a finalidade a mesma: visibilidade espacial e atratividade turística? Não seria funcional a memória lampiônica à existência de uma indústria cultural, na região do Médio Pajeú?

Como dissemos de maneira introdutória neste texto, não nos proporíamos a trazer respostas acabadas sobre a temática uso/abuso da memória lampiônica nas

espacialidades sertanejas pernambucanas citadas, mas lançarmos luz sobre o debate que pode e deve existir, em sala de aula, quando da ministração de aulas de história local, no ensino de história.

### **Considerações Finais**

Buscou-se neste texto trazer à luz a variedade de discursos existentes na região do médio Pajeú, em Pernambuco, envolvendo a memória de Lampião. Discursos que reverberam nas cidades de Serra Talhada, Triunfo e na Vila de Nazaré, tendo como seus construtores e emissores produtores culturais locais.

Verifica-se que em Serra Talhada e em Triunfo é dado à memória de Lampião louvação e, visando a um mesmo fim – visibilizar as cidades e, para elas atrair turistas –, fazem uso da memória lampiônica e, em não poucos casos, dela abusam. Em Serra Talhada, essa memória é a mercadoria oferecida aos de fora; em Triunfo, ela é um elemento agregador de valor à cidade que, por causa de seus atrativos naturais é oferecida como produto turístico a ser consumido.

Na vila de Nazaré, por sua vez, a memória de Lampião é desqualificada, porquanto o objetivo naquele espaço é glorificar a memória das volantes nazarenas e, para tal, na busca da construção de uma identidade que se traceja pela valentia, coragem e resistência, estabelecem-se desqualificação à memória lampiônica, andando em rota de colisão com os discursos dos produtores culturais serra-talhadenses e triunfenses relacionados à memória de Lampião.

Referente a como tratar dessa temática em aulas de história local, quando do ensino de história, foi trazido à luz parte de nossa experiência como professor da Educação Básica, em nível de Ensino Médio, na rede pública estadual pernambucana. Buscamos relatar como procedemos em nossa prática em sala de aula.

### **REFERÊNCIAS**

ALBUQUERQUE, André C. **Capitães do fim do mundo**: as tropas volantes pernambucanas (1922 – 1938). Recife. Edupe. 2016.

BARROS, José de A. **O Campo da História: especialidades e abordagens.** Petrópolis – RJ. Vozes. 2013.

BOURDIEU, Peirre. **A Economia das Trocas Simbólicas.** São Paulo. Editora. Perspectiva. 2010.

CANCLINI, Nestor G. **Culturas híbridas.** São Paulo. EDUSP. 2011

CASTELLS, Manuel. **A construção da identidade.** In: O Poder da Identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CERTEAU. Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis. Vozes 2011.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas.** São Paulo. Moderna, 1981.

CHIAVENATO, Júlio J. **Cangaço, a Força do Coronel.** São Paulo. Brasiliense. 1990.

FERREIRA JÚNIOR, José. **A memória de Lampião em disputa: discursos e ações de produtores culturais na região do Pajeú.** Curitiba. CRV. 2021.

FERREIRA JÚNIOR, José; SANTOS, Janaina F dos. **Proximidade geográfica, distância conceitual: concepções de produtores culturais sobre a memória lampiônica nas cidades de Serra Talhada e Triunfo.** Ponta de Lança, São Cristóvão, v.12, n. 22, jan.-jun. 2018.

FERREIRA JÚNIOR, José; SANTOS, Janaina F dos. **Memória lampiônica x memória volante: tensões discursivas entre produtores culturais no Médio Pajeú pernambucano.** Anais da XXXVI Semana de História da Universidade Federal de Juiz de Fora. Entre golpes e democracias: Narrativas históricas de um sonho em vertigem. Juiz de Fora – MG. 2020

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HALL. Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições.** São Paulo. Nova Fronteira. 2004.

LINS, Daniel. **Lampião, o homem que amava as mulheres.** São Paulo. Annablume. 1997.

NETO, Manoel F de S. **A aula.** Vitória. Geografares. 2001

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. São Paulo: Educ. 1993.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, volume 2. n° 3, p. 3-15. 1992.

QUEIROZ, Maria I. P. de. **Os Cangaceiros**. São Paulo. Duas Cidades. 1977.

REIS, José C. **Teoria da História**. São Paulo. Edusp. 2010

SCHWARTZENBERG, Roger G. **O Estado Espetáculo**. Rio de Janeiro. Difel. 1978.

SOUZA, Ilda R. de. **Sila, uma cangaceira de Lampião**. São Paulo. Traço. 1984.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo. Cutrix, 2006.

TODOROV, Tzvetan. **Les abus de la mémoire**. Paris, Arléa, 1995.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. São Paulo. Imprensa Oficial. 2010.